Entrevista com Isabela Figueiredo

Penélope Eiko Aragaki Salles[1]

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.149973

RESUMO: Entrevista realizada por Penélope Eiko Aragaki Salles com a autora Isabela Figueiredo no dia 27 de julho de 2018, na Pousada do Ouro Paraty, em Paraty.

A entrevistada, Isabela Figueiredo, considerada uma das vozes mais originais e poderosas da literatura portuguesa contemporânea, tornou-se conhecida do grande público ao publicar o seu primeiro livro, *Caderno de memórias coloniais*. Este ano, a autora participou da 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) e esteve, no mês de julho, lançando a nova edição do livro e promovendo o seu novo romance *A gorda*.

Crioula: *Você poderia falar um pouco sobre a sua experiência de vir para a FLIP?*

Isabela Figueiredo: Na verdade, eu vou ter que ser honesta como eu sou sempre. Não posso estar a construir uma personagem. Estou aqui em trabalho. A FLIP para mim é trabalho, em que tenho obrigação de dar a conhecer aos leitores e aos acadêmicos o meu próprio trabalho. E ele tem um objetivo. Eu escrevo porque gosto de escrever, mas também porque tenho mensagem, tenho conteúdo a transmitir. Sempre foi meu objetivo chegar ao Brasil. Sempre

1 Mestre em Letras e aluna egressa do Programa de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, do Departamento de Língua Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

foi um foco meu muito importante. Era um lugar onde eu queria chegar. Eu acho que o Brasil é um lugar importante em termos culturais, lusófono, do mundo da língua e da cultura portuguesa. Então, eu quero dar-me a conhecer e, por outro lado, também quero conhecer o mundo brasileiro. Mas o que eu sinto, honestamente, aqui na FLIP, tenho sentido nos últimos dias: que no mundo cultural e intelectual há preconceitos de classe e de cultura e isso eu não imaginava. E tive de me confrontar com o dilema de estar com pessoas iguais a mim, que são escritores, que são intelectuais e que supostamente não deveriam ter tanto preconceito de classe, nem tanto preconceito cultural. Então, estou aqui um pouco a pensar nisso.

Crioula: *Aproveitando a sua fala, vi uma entrevista sua, em que você diz exatamente isso. Você menciona que viu muitos aspectos do período colonial, como as desigualdades entre classes e raças, quando veio ano passado no Brasil. Acha possível um retrocesso no país com a ascensão de um governo conservador e de extrema direita?*

Isabela Figueiredo: Sim, pode haver um retrocesso, mas pense uma coisa. Esse retrocesso tem um tempo, tudo tem um tempo. Portanto nós não podemos ser apocalípticos. Pode haver um retrocesso, podemos passar uns anos mal por causa da ditadura, mas que um dia isso vai acabar. Ou seja, tudo tem um fim. O Trump vai acabar. Ele vai dar uns passos atrás. Sim, vai. Mas o Trump tem um tempo e vai acabar. Nós em Portugal também tivemos um governo de direita até quatro anos atrás. Vivemos um tempo bem mal. Mas o fim desse governo também foi muito mal para eles. Portanto tudo que é mal termina e tudo que é bom acaba.

Crioula: *É difícil ver uma perspectiva como essa, enquanto está acontecendo.*

Isabela Figueiredo: Enquanto está acontecendo, nós temos que fazer aquilo que se faz numa guerra, que é manter a cabeça alta e sobreviver. Isso foi o que aprendi em criança quando se deu a descolonização e os portugueses foram todos praticamente expulsos de Moçambique, da África. Eu avalio o momento em que vivemos como uma situação de guerra e eu penso que hoje ainda sofro um pouco de estresse pós-traumático dessa época. Aquilo que eu aprendi foi, em alturas difíceis, manter a cabeça à tona, sobreviver, tentar passar despercebida, usar a camuflagem e esperar que venha um outro tempo, que há de chegar. Portanto sim, pode haver um retrocesso, claro. Como vocês, todos nós corremos esse risco. Mas não sejam demasiados pessimistas. O tempo da ditadura também é um tempo de luta, de luta interna, de luta intestinal, uma luta para sair daquilo. E todo tempo é um tempo de convulsão. O tempo da ditadura é um tempo de convulsão, de preparação de uma outra coisa. Portanto não estejam a antecipar de graça, esperem para ver o que que vai acontecer e depois comecem a lutar. Se acontecer alguma coisa de mal, comecem a lutar para terminar isso. Porque vocês brasileiros estão muito preocupados. Vocês estão mesmo, muito preocupados. Eu sei. Toda a gente está. Vocês todos falam nisso. Vocês estão mesmos amedrontados. E o medo paralisa. Por isso, é que eu digo. Calma. O medo paralisa. Portanto, vejam para além do medo.

Crioula: *Eu queria aproveitar que você comentou sobre a questão do período da descolonização para falar sobre o* Caderno de memórias coloniais. *Apesar de ter sido seu primeiro livro publicado em Portugal, apenas agora é lançado no Brasil. Nele você apresenta memórias da sua infância em Moçambique no início da década de 1970, período em que o país ainda era uma colônia portuguesa. Ao falar do passado histórico de Portugal e, principalmente, do racismo estrutural, da opressão e da violência que a população negra sofria por parte dos colonizadores brancos, você propõe uma ressignificação, um olhar crítico para esse passado. Em uma entrevista, você disse que nem todas as pessoas*

atuaram ativamente nesse racismo, nessa violência contra os negros. No entanto, você afirma que elas foram cúmplices, como na Alemanha nazista. Você acha que ainda hoje essa percepção sobre os negros permanece entre os portugueses que retornaram?

Isabela Figueiredo: É. De uma forma muito escondida, essas coisas só são reveladas em privado e eu só tenho conhecimento delas porque as pessoas veem dizer-me em privado também. Sim, na minha casa, os meus pais também falavam dessa maneira, o discurso contra os negros também era esse. Minha atual dentista, que é um pouco mais velha do que eu, diz-me que toda a vida ouviu falar de Moçambique e do racismo tal como o meu pai falava. A mãe dela veio de Moçambique e ela já nasceu cá. Então são comportamentos que passam em privado, dentro de casa, mas que em público não são nunca enunciados porque não são autorizados, não são politicamente corretos. Mas eles estão lá, eles estão lá no vulcão; é aquele magma que está lá a ferver debaixo do vulcão, o racismo continua presente. Tanto na sociedade portuguesa, quanto aqui no Brasil. O colonialismo no Brasil é um colonialismo de classes, cultural e de raça e de gênero. De tudo. Vocês vivem um colonialismo também. Ainda. O ano passado, quando cheguei a São Paulo em novembro, eu tive um choque mesmo, tive um choque porque de repente parecia-me que estava em África no tempo colonial. É sério. Ver os negros todos separados dos brancos. Por exemplo, Iguatemi. O centro comercial Iguatemi. Só há lá pessoas de pele menos branca na casa de banho a limpar. As únicas pessoas que ali entram são os guardas lá na cave, os homens do lixo. Só os seguranças à porta podem ser negros e a senhora que está na casa de banho a limpar. O resto tudo é branco. Tudo é branco. É uma separação que não está escrita tal qual como é África, não estava escrito à porta, um negro não pode entrar, mas é implícito. É implícito que não pode. Sim. Mas mesmo na rua, todo aquele séquito de gente miserável, descalça, enrolada em roupa rasgada e suja, e de

pele escura. Fazia-me lembrar a infância, quando eu era uma menina e olhava para aquele séquito de negros na rua descalços e rasgados. Isso não acontece em Portugal. Você tem o racismo. Tem. O racismo que não se vê, invisível, mas que está lá dentro da cabeça das pessoas, mas a superfície está tudo bem. Não há miséria à superfície, não é visível. E em São Paulo é visível, como era antigamente em Moçambique. Nós tínhamos todas aquelas pessoas que vinham de fora da cidade, alimentar a vida dos brancos na cidade, mas que não viviam na cidade, viviam fora na favela deles e vinham trabalhar para nós, brancos, todos os dias e vinham descalços ou com a sua roupa rasgada e chegavam a casa do branco e vestiam o uniforme, como aqui. Então o que eu sinto é que muito do tempo colonial ainda está aqui presente e isso fez-me lembrar essa minha estadia em São Paulo e, fez-me lembrar, agora, ali em Ipanema. Estive em Ipanema, é incrível, quer dizer, aquilo ali parece Lourenço Marques. As mulheres uniformizadas que estão a passear crianças, os homens uniformizados a passear os cães, são todos mulatos, negros, várias cores de pele, mas não brancos. E depois, todas aquelas pessoas de classe alta que nem olham para eles. É muito estranho.

Crioula: *Você disse uma vez que o seu pai representava o colonialismo e muitos jornalistas associaram a escrita do* Caderno de memórias coloniais *com a* Carta ao pai*, do Kafka. Você acha que, de uma certa forma, seria uma carta ao seu pai?*

Isabela Figueiredo: É. Uma carta ao pai. O livro esteve para ter no seu nome a palavra pai. Esse livro é uma carta ao meu pai. Uma carta de amor. Depois de muita raiva, cheguei a essa carta de amor. (Risos). Mas sim, é uma carta ao pai. E é um pai colonialista, um pai racista, um pai patriarcal feminista. O que é muito estranho. (Risos). Não é? Como é que ele é patriarcal, sobretudo na relação dele com os negros. Eu até penso que era mais patriarcal do que

racista. Era por que ele não via no negro um indivíduo inferior, o que ele via no negro era um indivíduo diferente dele. E que ele precisava de civilizar, de tornar igual a si, tornar aquele ser selvagem um ser civilizado europeu. Percebe? Era uma coisa cultural. Meu pai não dizia os negros são inferiores a nós. Ele dizia são diferentes, não tem a nossa cultura e a nossa cultura é que está certa. Portanto era um coisa cultural, europeia, patriarcal, civilizacional. Meu pai foi criado por duas mulheres sozinhas, a mãe e a avó. Meu pai era órfão de pai. Então, meu pai tinha muito respeito pelas mulheres, porque via que a vida era muito difícil para elas, meu pai sabia isso. E por isso que a minha educação e o meu empoderamento eram um desejo dele. E eu devo dizer que eu sou o que meu pai quis que eu fosse. Eu empoderei-me como meu pai desejou que eu me empoderasse e, nesse aspecto, eu realizei o seu desejo.

Crioula: *Mas entrou em confronto também?*

Isabela Figueiredo: Sim, sim. Claro. Ideologicamente houve sempre um enorme confronto, porque eu não podia compreender o mundo do meu pai. Não compreendia antes e não compreendo agora. Mas agora ele morreu e eu pude apaziguar-me e ele também pode apaziguar-se. Todos nós discutimos muito, houve uma luta muito, muito brava entre nós, muito brava mesmo. Houve momentos mesmo mal, sobretudo depois de eu ser adulta e dele ter regressado de África. Por como você sabe, eu vivi sozinha em Portugal. E nessa década em que eu vivi sozinha em Portugal sem os meus pais, não pôde existir um conflito geracional nem ideológico, porque nós estávamos afastados, é só quando ele regressa a Portugal que encontra uma mulher adulta, vinte e três anos, e ele imaginava que eu era uma menina de treze. E eu era uma mulher que estava habituada a viver sem eles, a fazer-me sozinha a vida e aí começa o conflito. O conflito começa aí e dura dez anos até eu conseguir sair de casa, porque foi muito difícil para mim sair de casa, porque eles olhavam para mim

como uma adolescente. Eu já trabalhava, era jornalista, dava aulas e eles olhavam para mim como uma adolescente. Então eu tive que concorrer a um concurso de professores para longe. Foi um protesto para sair de casa, concorrer um concurso e fui dar aulas para longe de casa. Foi a forma que eu encontrei para sair de casa, porque eles não viam isso com bons olhos.

Crioula: *Você diria que* A gorda *é uma extensão, ou melhor, um prosseguimento do* Caderno de memórias coloniais*, só que um pouco mais estruturada ou melhor construída?*

Isabela Figueiredo: Diria. Exatamente com as palavras que você usou. É exatamente isso. Eu considero *A gorda* uma segunda parte do *Caderno de memórias coloniais*. O papai e mamãe do livro *A gorda* são o pai e a mãe do *Caderno* e a Maria Luísa é a protagonista feminina do *Caderno*. E, de fato, há um maior trabalho romanesco, mas o coração dessa, da *Gorda*, o que está ali a ferver, continua a ser ainda uma coisa pós-colonial – e as questões do corpo que existem n'*A gorda*, elas também já vêm do *Caderno*. Há no *Caderno* uma relação entre o corpo da filha e o corpo do pai, e depois é trabalhado de outra forma n'*A gorda*, porque entra o corpo dela, o corpo da Maria Luísa, e o corpo dos outros na questão sexual, não é? Mas essa descoberta do corpo, que é importante, a importância do corpo já vem do *Caderno*. Há um fascínio enorme pelo corpo do pai, que é um corpo grande e gordo, e depois na *Gorda*, ela não aceita o seu corpo, não é? Ela não aceita o seu corpo e a mãe está sempre a dizer: "Estás gorda, estás gorda. Tu estás como o teu pai. Tu vais acabar como o teu pai". Parece uma sentença. Então ela está ali a lutar com aquela coisa, ela não quer acabar como o pai, não quer morrer como ele, ela quer viver. Então, o corpo também é um tema que liga os dois livros. O pós-colonialismo é um tema que liga os dois livros, o pai, a mãe, a família também. A perda. A morte. A violência.

Crioula: *Você falou da questão do corpo, que ela também já aparece no* Caderno de memórias coloniais*, mas, no romance* A gorda*, ela vai ser o mote da história: a luta constante da Maria Luísa com o seu corpo devido ao sobrepeso. Aqui no Brasil, tem ganhado forças o* Body Positive*, um movimento de aceitação e valorização do corpo, principalmente das mulheres que não estão dentro do padrão de beleza. Você acha que, por exemplo, uma mulher como a Maria Luísa poderia mudar a percepção sobre o próprio corpo se ela tivesse entrado em contato com esse movimento ou com essas formas de pensamento?*

Isabela Figueiredo: Sim, sim. Eu vejo, com muita esperança esses movimentos. E acho que esses movimentos são o contrapeso daqueles outros como o de injeção de silicone industrial no bumbum, sabe? Há os dois lados. Aqueles que estão muito preocupados com a estética, a plástica e depois há o outro lado que é o *Body Positive*, que é exatamente o contrário, que é aceitar o corpo – e é maravilhoso que o corpo seja diferente, porque a diferença é maravilhosa. Porque sermos todos iguais seria uma enorme tristeza. Seria andarmos de uniforme. Então eu olho para esse movimento com muita simpatia. Acho que ele tem importância, acho que ele pode interferir positivamente na vida das mulheres e dos homens. Acho que se Maria Luísa tivesse conhecimento desse movimento poderia ter tido uma vida mais fácil, mas também quero dizer uma coisa que é importante: o corpo positivo é o corpo com o qual nos sentimos bem. Houve um momento em que a Maria Luísa sentiu problemas de saúde com o peso. Eu, neste momento, não tenho problemas de saúde, continuo a ser uma mulher gorda, tenho 80 e poucos quilos e não tenho problemas de saúde, estou bem, meu peso é muito acima do peso normal de uma mulher. Os médicos diriam para o meu tamanho. Para minha altura não, eu não poderia pesar mais de 58 quilos e eu rio na cara deles, porque eu digo que eu não quero ter 58 quilos, eu não sou essa mulher. Eu sou uma mulher de 80 quilos e eu gosto de ter 80 quilos, sinto-me bem, acho que está bem. Mas quando eu

tinha 100, eu pesava demais, entende? Quer dizer, cada um sabe qual é o seu peso certo. Eu não posso dizer a Maria Luísa: vai ser feliz gorda como estás. Não. Eu tenho que dizer: vai ser feliz gorda como tu gostas de ser gorda. É como tu achas que deve ser, porque o peso pode ser um peso. O peso pode ser excessivo, pode fazer mal. Então nós é que sabemos se aquilo está bem ou não. Estamos a sentir-nos bem com este peso? Este peso está bem para mim? Está bem? 120 quilos estão bem se podemos viver com eles, temos a altura para aguentar esse peso, tudo bem. Mas o que quero dizer é que *Body Positive* significa aceitar o corpo que se tem, mas procurar também viver com saúde.

Crioula: *Ter equilíbrio entre as duas coisas.*

Isabela Figueiredo: Um equilíbrio entre as duas coisas. Sim.

Crioula: *Porque muitas vezes acontece de as pessoas associarem o sobrepeso a uma doença.*

Isabela Figueiredo: Sim. Pois, mas não é. Eu devo dizer que, no meu caso, eu como muito pouco, muito bem. Neste momento da minha vida, tenho uma alimentação perfeita; como vegetais, frutas, não como carne, como peixe, como pouca coisa de cada vez. Sim, claro que eu bebo a minha *Coca-Cola*. O que eu devo dizer é que ela é uma bebida medicinal foi inventada para curar problemas de estômago, e isto é mesmo verdade. Mas eu não faço asneiras. Tirando a caipirinha. (Risos). Eu não faço muitas asneiras, e repara o meu corpo não emagrece, este é o meu corpo. É meu. É o corpo certo. Percebe? Este é o corpo certo. Era este o corpo que eu queria ter e este é o corpo que eu tenho. E eu não consigo emagrecer mais do que isto. Portanto, eu não tenho doenças. Eu não tenho colesterol, não tenho hipertensão, não tenho diabetes. Eu não tenho doenças que associam aos gordos. E, por outro lado, há aquelas pessoas mui-

to magras, muito magras, que querem engordar e não conseguem. O corpo não pode ser moldado. É engraçado. Nós podemos moldar o comportamento das pessoas e somos todos moldados a partir do momento em que nascemos, somos moldados. Só metem-nos no molde para ser uma determinada coisa. Mas o corpo não dá, o corpo tem sua vida. Ele cresce, modifica-se, não dá para mudar o corpo. O que quero dizer é que o corpo tem um caráter, ele tem o seu caráter e não dá para mudar. Ou seja, não dá para mudar sem violência contra o próprio corpo.

Crioula: *No livro* A gorda*, você estrutura os capítulos como se fossem partes da casa. É possível a gente fazer a associação das partes da casa, e essa casa como uma metáfora desse corpo que é uma casa que a gente também habita?*

Isabela Figueiredo: Sim, a casa é várias coisas. A casa é o corpo, mas a casa também é a família, porque o livro continua a ser um livro muito sobre a família, sobre o pai e a mãe e sobre a vida íntima, essa família – e a casa para mim é importante. Por vários motivos, eu não tive casa durante todo tempo em que estive longe de meus pais; eu andei em colégios, em casas de familiares, nunca tive um quarto meu, nunca tive uma cama minha e eu sonhava muito com uma casa, então, a casa para mim é símbolo. Simboliza o corpo, a família, a paz, o silêncio, a harmonia. Quando eu pensei, já tinha muita coisa d'*A gorda* escrita e não tinha uma estrutura ainda; houve um momento em que vi um filme. Eu já contei isto? Eu vi um filme chamado *O quarto*, de uma realizadora alemã, que fala sobre uma rapariga. Não sei se ela é alemã. Daqui a um bocado eu já posso ver essa referência. É um filme que se chama *O quarto* e ganhou um prêmio. E esse filme inspirou-me, porque ela, a rapariga protagonista, tinha sido raptada, por onde aqueles sujeitos austríacos que fazem raptos de raparigas e as tem dentro de casa. Fechadas. E essa rapariga engravida do seu raptor, tem um filho e ensina o seu filho a ver o mundo dentro de um

cubículo de poucos metros quadrados, que tem apenas uma janela no teto. E tudo o que a criança conhece do mundo é essa casa, todos os dias de manhã a criança acorda e diz: Bom dia, mesa. Bom dia, cadeira. Olá, céu. E tudo o que ela conhece é a folha que cai, a folha da árvore que cai naquela janela. O azul do céu. A nuvem que passa ali. E eu pensei que seria bom estruturar o livro a partir da ideia da casa, do que se pode fazer dentro da casa. Partir da casa para o mundo. Foi quando eu vi esse filme que eu tomei a decisão. Eu vou escrever, estruturar todo o meu romance de acordo com a casa. Como é que se parte da casa para o mundo? Da cozinha para o mundo, do quarto para o mundo, da sala para o mundo. E é neste momento que eu decido essa estrutura, que é extraordinariamente simbólica, e que influencia todo o livro – porque a casa tem uma respiração. A partir do momento em que começo a encaixar todo o trabalho que já tenho escrito naquela estrutura e a escrever mais e a compor, a casa começa a ter um coração que bate, a respirar, então a casa começou a ser uma personagem que era algo que eu não tinha pensado antes. Mas que foi a própria narrativa que me levou para aí. A ideia da casa enquanto corpo, personagem, que respira que tem uma vida. A Maria Luísa, no final, ouve o bater do coração da casa, que é o bater do seu próprio coração, mas que há uma fusão – ali há uma osmose entre casa e Maria Luísa. Foi uma coisa que não, que apareceu naquele momento, foi a narrativa que me levou para aí. Não estava a pensar. Mas a minha escrita é muito assim, sabe? Eu tenho algo, tenho uma ideia do que quero fazer, mas depois quando estou no processo sou muito levada pelo que está a acontecer. E gosto. E gosto dessa coisa, de isto estar a tomar um caminho que eu não esperava, mas vamos ver. Gosto de ser assim, levada a dar um passeio que eu não esperava. Se eu vou por aquele caminho é porque eu quero ir por aquele caminho.

Crioula: *Recentemente você fez uma viagem à Moçambique. Como foi a experiência de retornar à sua terra natal depois de tantos anos passados em*

Portugal?

Isabela Figueiredo: Bem, foi bastante chocante. Dolorosa. Eu fui para Moçambique muito inocente. Esperando encontrar um país completamente diferente. Um país diferente do tempo dos brancos portugueses colonialistas. E o que eu reparei é que o colonialismo continua a existir de outra maneira; não são os portugueses, mas são os sul-africanos ou são os chineses ou são outras nacionalidades. E que, na verdade, os moçambicanos continuam a ser muito pouco donos da sua terra e a depender completamente dos outros, do estrangeiro. E isso desgostou-me. Depois também percebi outra coisa, percebi que eu não pertenço a Moçambique culturalmente. A minha cultura é portuguesa; isso significa que eu vivi numa redoma portuguesa em Moçambique enquanto lá estive. Era uma redoma europeia. E eu fui lá com muita ilusão, pensando que eu ia para um lugar diferente e, no final, fui encontrar-me em um país insipiente ainda muito perdido, sem saber o que é. Moçambique ainda não é uma nação. Ainda está à procura. Ainda o colonialismo não saiu completamente. E as pessoas da minha idade ainda estão muito ressentidas contra os brancos. Eu senti-me demasiada branca lá, foi um alívio quando cheguei a Portugal e pude não reparar na minha cor. Porque, sabe, isso é muito interessante, eu nunca penso na cor da minha pele, porque como eu sou branca, eu tenho o privilégio de não ter que pensar na cor da minha pele, não é? Ninguém me diz: tu branca não podes fazer isto. E em Moçambique eu era obrigada a lembrar-me que eu era branca. Todos os dias eu me lembrava que era branca. Porque primeiro eu não podia andar sozinha na rua por ser branca, toda a gente estranhava, olhava para mim, porque não via mulheres brancas na rua e eu não queria ser branca, porque ser branca era ser olhada, era estar em destaque. Ser branca era perguntar o preço de uma *Coca-Cola* e dizerem-me o preço mais caro a mim porque sou branca. Então havia uma discriminação porque eu era branca, eu nunca tinha sentido isso na vida, ser

discriminada por ser branca. (Risos). E sentir isso em Moçambique também foi-me muito estranho e eu percebi que eu fui a Moçambique para descobrir que sou europeia, culturalmente europeia, embora tenha este lado colorido, estrangeirado, de pessoa que chegou a Portugal aos 13 anos sem saber o que era aquilo e tenha passado a minha infância lá. E eu passei a minha infância numa bolha cultural europeia que se servia dos negros como força de trabalho. Foi isso que eu percebi. Eu percebi muito bem o que que era o colonialismo.

Crioula: *E deve ter sido um choque essa percepção.*

Isabela Figueiredo: Foi. Foi um choque por vários motivos também porque eu fui na altura do Natal e do Ano Novo, não foi por acaso. Eu faço anos no dia 1 de janeiro e, nesse ano, foi a transição de 2016 para 2017, eu pensei que queria passar a minha data de aniversário lá. Estava na hora de passar a minha data de aniversário lá, de regressar, de passados 41 anos, de ver como era aquilo. Comprei a viagem após uma noite em que tive um sonho em que estava em Moçambique. Eu acordei e pensei: ah, vai ser agora, vou comprar a viagem. Fui a internet e comprei uma viagem de avião para Moçambique. Sem nada. Sozinha, porque eu sabia que ia ser uma viagem muito emocionante e não queria ter testemunhas, porque eu sabia que ia chorar e ia ficar comovida. Não queria levar ninguém comigo. E foi assim, fui sozinha. Só que, como eu faço as coisas muito impulsivas, esqueci-me de um pormenor, que o Natal é uma época da família, uma época especial. Com quem é que eu ia passar o Natal em Moçambique, sozinha? Passei um Natal muito estranho com uma família de moçambicanos que foi muito generosa e que me recebeu, mas foi um Natal muito estranho porque eles não me conheciam, eu era aquela branca do colonialismo que estava ali a partilhar o Natal com eles, mas eles tinham um pouco de desconfiança em relação a mim. E eu sentia essa desconfiança, mas eles estavam a receber-me, a dar-me o seu melhor. Foi uma noite de Natal

muito estranha. Depois o dia de Natal foi melhor, o dia 25, porque o João Paulo Borges Coelho, escritor e historiador moçambicano, mas de origem portuguesa, me convidou para eu passar o dia de Natal com ele e eu senti-me mais em Portugal, pois a casa, a comida, a cultura já era mais portuguesa. Já me senti melhor. E aquela época da família, ali não sei de onde nasci, mas sei daqueles de quem eu nasci, que era o meu pai e minha mãe, foi dolorosa, eu abracei-me a mim e chorei. Senti muita saudade do meu pai e da minha mãe, chorei abraçada a mim. E muitas vezes desejei ir-me embora rapidamente dali para fora, mas, por outro lado, achava que não devia ir, que tinha que aguentar. Se tinha me sujeitado aquela experiência devia vivê-la até o fim. Eu não gosto de deixar coisas ao meio. E aguentei até o fim, embora muitas vezes eu tivesse desejado vir mais cedo embora. Foi difícil esse regresso. Foi difícil. Eu agora quero ir de novo, eu preciso ir de novo para tirar da minha mente a dor que ficou desse regresso.

Crioula: *É muito impactante o relato que você faz no* Público *sobre essa experiência. Era uma possibilidade de um outro livro. Só de contar a experiência de Moçambique.*

Isabela Figueiredo: Sim. Moçambique não é um assunto esgotado. É um assunto ao qual eu voltarei no futuro em outros projetos.

Crioula: *Aproveite para falar um pouquinho sobre o seu novo projeto literário, uma coletânea de contos e sobre a Bolsa de Residência Literária na Alemanha que você recebeu e que será agora em outubro.*

Isabela Figueiredo: Bem, então, o meu projeto de livro são dois na verdade. Eu estou a escrever um livro sobre uma outra questão que tem a ver com discriminação, com especismo. Estou a escrever um livro que tem muitos ani-

mais e questiona muito a relação dos seres humanos com os animais, questiona muito a forma como nós olhamos para eles como alimentos, como seres inferiores e não como nossos companheiros, nossos iguais. Essa é outra questão que me interessa, não é só a raça, não é só o corpo, todas as discriminações me interessam. E meu próximo livro, cujo título eu não lhe vou dizer ainda, porque não é certo, vai ter muitas questões pós-coloniais, sim, e muitas questões de especismo. A personagem principal é um homem, estou a estrear-me com um protagonista homem, o que está a dar-me muito trabalho. Esse é o próximo livro e, quando eu sair daqui, eu vou direto para Lisboa escrever esse livro, que eu queria que estivesse pronto na altura em que eu vou para Berlim para a residência literária escrever o outro livro. Que a minha vida agora é escrever. O outro livro é uma coletânea de contos cujo objetivo é jogar com a literatura. Eu, em abril, fui participar de conversas em escolas portuguesas com alunos e as pessoas tem sempre a ideia de que a literatura é uma coisa muito (risos), muito diáfana, uma coisa muito difícil de se construir. E o que eu dizia aos alunos era: olhem, meus amigos a literatura é assim. Para vocês construírem uma história vocês precisam ter um lugar, ter um tempo, ter uma personagem, ter um problema. Essas quatro coisas vocês tem que ter: tempo, lugar, personagem e problema. Isto, mais nada. Querem? Vamos fazer um jogo, deem-me uma palavra começada por P, P de personagem, e eles diziam Pateta. Eu dizia OK. Então a personagem vai ter alguma coisa a ver com esta ideia de Pateta. Digam-me uma palavra começada por T. E eles diziam temporal. E dizia, então, olha o tempo vai ter alguma coisa a ver com temporal. Eu não sei o que. Temos uma personagem que tem a ver com o Pateta, o tempo tem a ver com o temporal. Pois eu dizia: digam-me uma palavra começada por E. Eles diziam escola. Eu dizia: então, o espaço vai ter alguma coisa a ver com escola, pode não ser uma escola como esta onde vocês estão, pode ser uma escola de magia, pode ser uma escola de condução. Não sei, mas será uma escola. E eu dizia problema e eles diziam, sei lá, pênis. Então, eu dizia, o problema vai

ter a ver com uma ideia de pênis, que pode ser verdadeiro ou simbólico. Mas com essas quatro ideias eu vou construir um conto para vocês. E este conto vai aparecer num livro e vai ser-vos dedicado. Então, eu estive em oito escolas diferentes, fiz este jogo e reuni quatro contos, percebe? Foram eles que me deram aquilo que eu ia escrever. Então, eu agora estou perante este desafio que é com o que os outros me deram eu vou construir contos com o Pateta, com o temporal, a escola e o pénis. Eu vou ter que construir um conto. Eu não sei o que que vai sair dali. Portanto, eu estou expectante. Porque alguma coisa vai sair. Eu sei. Não há aqui nenhuma dificuldade. É um jogo. Isto é um jogo. Eu tenho, já tenho tudo. Agora a minha cabeça vai ligar tudo isto. É um desafio para mim, sabe? Estou sempre a precisar de desafio. Essas coisas quando são muito iguais chateiam. Então, é um desafio para mim, vou construir essas histórias para mostrar aos jovens que a literatura não é um bicho de sete cabeças. É um jogo, de inteligência, de concentração e de trabalho.

Crioula: *E o período dessa residência?*

Isabela Figueiredo: Na verdade, eu não tenho que escrever tudo durante essa residência porque é apenas um mês. E um conto dá muito trabalho para escrever. Para escrever um conto, eu preciso de no mínimo quinze dias. Portanto, eu comprometi-me a escrever um conto durante a residência, que dura um mês. Nesse mês, eu vou a Feira do Livro de Frankfurt, vou a escolas alemãs, quero aprender um pouco de alemão, não sei nada, quero aprender o básico, sabe assim, para comunicar o básico. Quero ir a museus, quero passear e quero descansar um pouco, só vou escrever um conto. Vou ficar numa casa no centro de Berlim. Estou muito feliz, é uma experiência nova, mais um desafio.

Crioula: *Uma última pergunta: você acha importante que as obras de escritores contemporâneos, como as suas, sejam estudadas e pesquisadas pelas uni-*

versidades, ainda que elas não sejam consideradas canônicas?

Isabela Figueiredo: (Risos) O que é o cânone? Quer dizer, o cânone são as obras que já foram abençoadas. São as obras abençoadas pela crítica literária e pela academia, não é? As obras de hoje, algumas obras de hoje, serão o cânone do futuro. Para mim é importante que o passado e o presente se encontrem. Porque o passado e o presente estão juntos aqui. Agora neste momento. Eu e você somos simultaneamente o que aconteceu e o que está neste momento a acontecer. O passado só faz, só tem sentido quando se encontra com o presente e o presente precisa de se encontrar no passado. Então esse trabalho tem sempre que ser feito, sempre. Nós temos que estar sempre a olhar para este espelho do passado, a questioná-lo, a compará-lo conosco. Portanto é importantíssimo. Nós não podemos passar a vir a estudar Machado de Assis, Padre Antonio Vieira, João Guimarães Rosa e Eça de Queiróz apenas. Nós temos que pegar no que temos agora senão o agora não existe.

Submissão: 31/08/2018
Aceite: 01/10/2018